

<b>Título</b>	<b>Apresentação (Ed. 75, migração e religião, COMIGRAR, cabo-verdianos, escola, judeus, armênios, emigração espanhola, okinawanos)</b>
Autor/es	<b>Jose Carlos Pereira</b>
Resumo	Apresentação
Ano/Edição	Ano XXVII, nº 75, jul-dez/2014. São Paulo

<b>Título</b>	<b>Apresentação (Ed. 76, Dossiê “Trabalho e políticas migratórias transnacionais”)</b>
Autor/es	<b>Jose Carlos Pereira</b>
Resumo	Apresentação
Ano/Edição	Ano XXVIII, nº 76, jan-jun/2015. São Paulo

## **PASTORAL DO MIGRANTE**

<b>Título</b>	<b>Miguel, 20 anos de vaivém</b>
Autor/es	<b>Equipe Pastoral do Migrantes – Dobrada/Santa Ernestina-SP</b>
Resumo	Entrevista realizada em outubro de 1985. Miguel é trabalhador, que reside na comunidade Cabeceira do Cone de Cuba, município de Chapada do Norte-MG. Tem 38 anos e há 20 anos emigra para o trabalho na safra de cana-de-açúcar no interior do estado de São Paulo. Ele relata sua infância com os seus dez irmãos e a necessidade de migrar sazonalmente para criar seus próprios filhos. Miguel também fala sobre a vida de sofrimento do cortador de cana que é explorado pelo patrão e pelo “gato” e as miseráveis condições de trabalho.
Ano/Edição	Ano 1, nº 1, maio-ago/1988. São Paulo

<b>Título</b>	<b>Pastoral Migratória – uma experiência junto aos sazonais (Relato de experiência)</b>
Autor/es	<b>Equipe Pastoral dos Migrantes Dobrada/Santa Ernestina-SP</b>
Resumo	Este artigo relata a atuação da Pastoral do Migrante nas dioceses de Jaboticabal/SP e de Araçuaí/MG, em virtude da articulação entre regiões de origem e regiões de destino da migração. O trabalho consiste na atuação da pastoral com os migrantes temporários através de diálogos, encontros, discussões, reivindicações, buscando respeito ao trabalhador e melhorias das condições de vida e de trabalho. Nessa ação conjunta de acompanhamento e intercâmbio, buscava ainda abrir espaços para que o migrante exercesse seu protagonismo social.
Ano/Edição	Ano 1, nº 1, maio-ago/1988. São Paulo-SP

<b>Título</b>	<b>João Batista Scalabrini e sua atuação junto aos migrantes (Especial)</b>
Autor/es Resumo	<b>Cláudio Ambrozio</b> João Batista Scalabrini nasceu em Fino Mornasco, Província de Como-Itália, a 8 de julho de 1839. Com 18 anos de idade ingressou no seminário, e em 1863 foi ordenado sacerdote. Queria ir para as missões, mas o seu bispo o enviou como professor, e depois reitor do seminário. Em 1870 tornou-se pároco de São Bartolomeu, uma paróquia na periferia industrial de Como. Em 1876 foi sagrado bispo de Piacenza, Com ele, Piacenza tornou-se, por 29 anos, um centro irradiador de muitas reformas e iniciativas. Entre suas diversas obras sociais estão: A fundação do Instituto Surdo-Mudo e a criação de um instituto para a assistência religiosa, social e sindical para trabalhadores sazonais do cultivo de arroz, na região norte da Itália. O que tornou João Batista Scalabrini mais conhecido foi, no entanto, sua obra em favor dos migrantes. Ele fundou, em 1887, a Congregação dos Missionários de São Carlos-Scalabrinianos; em 1889, a Sociedade São Rafael, composta por leigos; e, em 1895, a Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeu-Scalabrinianas. Os três institutos tinham como finalidade específica o trabalho de promoção humana, espiritual e social dos emigrantes italianos. Scalabrini visitou por duas vezes seus missionários e migrantes além-oceano: em 1901 esteve nos Estados Unidos e em 1904 no Brasil e na Argentina, Faleceu no dia 1º de junho de 1907 em Piacenza. Aos 9 de novembro de 1997, o papa João Paulo II o declarou bem-aventurado.
Ano/Edição	Ano XI, nº 30, jan-abril/1998. São Paulo-SP
<b>Título</b>	<b>“Como Caim, sem destino” (Depoimento)</b>
Autor/es Resumo	<b>Sidnei Marco Dornelas</b>
Ano/Edição	Ano XIII, nº 37, maio-ago/2000. São Paulo
<b>Título</b>	<b>Scalabrini e seu legado</b>
Autor/es Resumo	<b>Dirceu Cutti</b> Editorial
Ano/Edição	Ano XVIII, nº 52, maio-ago/2005. São Paulo

<b>Título</b>	<b>A realidade sobre a migração brasileira - relato de viagens pelas Ferrovias Central do Brasil – 1968 e Alta Sorocabana – 1969</b>
Autor/es Resumo	<b>Alberto Romano Zambiasi; Alvírio Morés</b> O presente estudo sobre a realidade da migração brasileira que nos propomos expor, é fruto do esforço e dedicação não de uma ou duas pessoas apenas, mas de uma equipe toda de companheiros de pesquisa pela ferrovia Central do Brasil em 1968, na Alta Sorocabana em 1969. Entre as duas viagens, alcançamos um total de 593 entrevistas, sendo que: 230 em zona rural; 237 em trânsito nos trens, albergues e estações ferroviárias —e, 126 nas cidades, aplicadas junto a autoridades civis e eclesiásticas, agrônomos, médicos, professores, agentes de polícia, diretores e funcionários da migração, chefes de estações ferroviárias, etc.... Nessas viagens aplicamos questionários e entrevistamos migrantes. Além dessas viagens de estudo, pretendemos nos servir, nesta exposição, das experiências obtidas em três anos de trabalho no Departamento de Migrantes de São Paulo, e dos cinco anos de serviço junto aos marginalizados nas favelas, em trabalho conjunto com o Movimento das Organizações Voluntárias pela Promoção do Favelado
Ano/Edição	Ano XVIII, nº 52, maio-ago/2005. São Paulo
<b>Título</b>	<b>Seminário João XXIII e o Centro de Estudos Migratórios – memórias de um passado recente</b>
Autor/es Resumo	<b>Pe. Alfredo José Gonçalves</b> Na trajetória do Seminário João XXIII, a sensibilidade sócio pastoral para com os migrantes tem a idade do próprio edifício. Ele foi fundado ainda em 1954, passando a ter sua sede atual a partir de 1962, quando foi inaugurado o prédio que abriga, atualmente, a casa formativa e o Instituto Teológico São Paulo (ITESP), localizado no Alto do Ipiranga da capital paulista. Em torno desta época, os seminaristas de filosofia e teologia que passaram por suas dependências, começaram a desenvolver uma ação pastoral em três frentes: presença na ex-favela do Vergueiro, localizada a cerca de dois quilômetros do seminário; algumas viagens às regiões onde a migração apresentava maiores desafios, tais como o nordeste brasileiro, Paraguai e o norte do Paraná; contatos com o Pe. Jacyr F. Braido e com Pe. Juarez Segalin, então à frente do Centro de Estudos Migratórios (CEM), fundado em 1969, e

Ano/Edição	<p>cujas dependências localizavam-se no prédio do Seminário. Neste contexto de crescente sensibilidade para o fenômeno das migrações, principalmente internas, é que surge o projeto do CEM, que pouco a pouco irá se consolidar na Província São Paulo, em conexão com projetos idênticos de abertura aos novos Pe. fenômenos migratórios, também atuantes nas demais províncias da Congregação dos Missionários de São Carlos. Em rápidas palavras, o CEM se enquadra no projeto da criação de centros que, de forma científica, pudessem acompanhar de perto o fenômeno das migrações em todos os países onde atuavam os padres Scalabrinianos, constituindo mais tarde a Federação dos Centros de Estudos J. B. Scalabrini. Ano XVIII, nº 52, maio-ago/2005. São Paulo</p>
<b>Título</b> Autor/es Resumo	<p><b>Pastoral dos Migrantes: peregrinos da resistência</b></p> <p><b>Maria Aparecida de Moraes Silva</b></p> <p>O papel desempenhado pelos Missionários não pode ser caracterizado como meramente assistencialista. Muito ao contrário. Sempre lutaram em defesa dos direitos desta população excluída de direitos e cidadania. Enfrentaram duros embates com os poderosos, com os donos de grandes usinas e fazendas; percorreram alojamentos, pensões de migrantes espalhados por estas imensas áreas de cana do interior paulista. Muitas vezes, enfrentaram ameaças, advindas dos representantes dos proprietários. Em outras tantas, saíram em defesa dos migrantes escravizados, por meio de denúncias à Promotoria Pública. Por outro lado, desenvolvem também o trabalho de conscientização nos locais de origem dos migrantes. Procuram acompanhar a saga de milhares de homens, mulheres e crianças, que todos os anos deixam seus lares e partem em busca de trabalho, esperança e utopias. O Boletim Cá e Lá, publicação da Pastoral, reflete o acompanhamento da caminhada, do vaivém que é permanentemente temporário dos migrantes ao longo dos anos. Na condição de professora e pesquisadora, aprendi e continuo aprendendo com a práxis da Pastoral, baseada no conhecimento e no respeito às pessoas. Práxis, que não se traduz pela imposição de ideias àqueles, supostamente, considerados ignorantes e não portadores de consciência política ou religiosa. Porém, práxis construída a partir das necessidades, valores e desejos dos sujeitos envolvidos no processo de migração. Práxis libertadora, cuja matéria prima é a experiência de cada um. Uma análise sociológica do trabalho da Pastoral dos Migrantes — Setor</p>

Ano/Edição	<p>Temporários —exige alguns cuidados relativos ao próprio ofício que ora desempenho, a saber, o ofício de sociólogo, segundo as célebres lições de Wright Mills. Cabe-me ressaltar que a preocupação não se circunscreve nos limites estreitos da ideologia, pois minha função enquanto assessora da Pastoral durante todos estes anos tem sido conduzida pela autonomia intelectual e pelas exigências éticas da pesquisa. É evidente que as pressupostas neutralidade ou objetividade não existem nas pesquisas sociais. Contudo, a inserção do pesquisador numa determinada realidade social precisa ser orientada pela vigilância epistemológica, para que o mesmo não se torne meramente porta-voz dos grupos sociais com os quais está envolvido. Trata-se de um verdadeiro desafio, pois as relações criadas no momento da pesquisa não são apenas ditadas pela racionalidade do conhecimento abstrato.</p> <p>Ano XVIII, nº 52, maio-ago/2005. São Paulo</p>
<b>Título</b>	<b>Do centro dos italianos ao centro dos migrantes na cidade de São Paulo</b>
Autor/es Resumo	<p><b>Pe. Gelmino Costa</b></p> <p>O ano de 1886 marcou o início da imigração italiana organizada para o Brasil. Os que chegaram antes desta data foram numericamente insignificantes. O número maior de italianos acabou ficando no Estado de São Paulo e alcançou o seu auge na segunda década de 1900. A partir de então o número foi diminuindo por causa dos retornos, das mortes e das naturalizações. O Censo de 1940 registrava ainda a presença de 235 mil italianos no Estado de São Paulo. A história da imigração italiana em São Paulo foi marcada por diversos binômios opostos: muitos imigrantes se deram bem e se integraram com a sociedade brasileira, outros voltaram à pátria de origem; alguns foram marcados pelo sucesso e outros pelo insucesso; alguns fizeram parte da elite empresarial, enquanto outros nunca deixaram da classe operária; alguns ocuparam postos de liderança dentro do movimento operário, pois já haviam participado de lutas operárias na Itália, outros se alinharam aos patrões pois tinham sido por eles favorecidos; muitos eram bem aceitos pelos operários brasileiros, outros eram mal vistos, pois ocupavam os melhores postos nas fábricas. Essa situação gerou conflitos, às vezes latentes e outras expressos, entre italianos e brasileiros, mas não se pode falar de conflito étnico de maiores proporções. Às vezes, patrões, políticos e</p>

Ano/Edição	polícia tentaram jogar os brasileiros contra os estrangeiros, em geral não conseguiram, mas conseguiram sim, expulsar muitos imigrantes do Brasil. Ano XVIII, nº 52, maio-ago/2005. São Paulo
<b>Título</b>	<b>Memórias sobre a abertura do carisma escalabriniano</b>
Autor/es	<b>Pe. Giovanni Simonetto</b>
Resumo	Depoimento
Ano/Edição	Ano XVIII, nº 52, maio-ago/2005. São Paulo
<b>Título</b>	<b>Pastoral além-fonteiras (Comunicação)</b>
Autor/es	<b>João Paulo Santos</b>
Resumo	Comunicação
Ano/Edição	Ano XIX, nº 55, maio-ago/2006. São Paulo-SP
<b>Título</b>	<b>Hospitalidade e hostilidade, ternura e conflito</b>
Autor/es	<b>Dirceu Cutti</b>
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XX, nº 57, jan-abril/2007. São Paulo-SP
<b>Título</b>	<b>Acolhida no contexto bíblico e estra-bíblico – vétero-testemunho: semelhanças e originalidade</b>
Autor/es	<b>Paolo Parise</b>
Resumo	O mundo cristão se aproximou das experiências e tradições de Israel de formas diferentes e, às vezes, até antitéticas. No passado, Israel foi concebido como um povo tão diferente dos demais que quase parecia alheio ao contexto cultural em que formou sua identidade, e isso só pelo fato de ter sido o povo da Bíblia, escolhido por Deus. Em seguida, mais recentemente, passou-se ao extremo oposto, eliminando esta diferenciação em relação aos outros povos. Tornou-se, assim, um dos muitos povos do Oriente Médio daquela época, perdendo suas peculiaridades. Após esta oscilação entre continuidade e descontinuidade com a compreensão dos povos vizinhos, hoje a tentativa é a de se chegar a um maior equilíbrio, a uma síntese <sup>1</sup> . O nosso ensaio se coloca nesta última postura. Israel foi se estruturando em contato com os povos vizinhos. Influenciou e foi influenciado, Isso vale para o processo que o leva progressivamente do politeísmo ao monoteísmo, os mitos fundacionais, as narrativas de heróis, a legislação, os rituais e muitas outras realidades, F vale, também, para o tema da acolhida e outros afins, como hospitalidade e hostilidade.

Ano/Edição	Israel apresenta, ao mesmo tempo, algo de semelhante às populações vizinhas e algo de específico. Paralelos e originalidade sobre as compreensões e práticas de acolhida se misturam. Ano XX, nº 57, jan-abril/2007. São Paulo-SP
<b>Título</b>	<b>O dever da hospitalidade no Antigo Testamento</b>
Autor/es	<b>Sidnei Marco Dornelas</b>
Resumo	A Bíblia reúne em vários livros as tradições acumuladas, relidas e reinterpretadas, que exprimem a história do povo de Israel. São escritos marcados por uma visão de mundo religiosa, que interpreta todos os acontecimentos através da ótica de uma Aliança firmada entre o povo e o único Deus verdadeiro. Foi este Deus que chamou Israel à existência, o formou, o libertou da escravidão, e lhe deu a terra em que haveria de se constituir como nação. Israel, numa situação de perene contato e conflito com outros povos, partilha com eles uma série de influências culturais e religiosas. Nesse sentido, as leis e práticas de hospitalidade relatadas na Bíblia contêm paralelos significativos com os povos do mundo antigo. As práticas de hospitalidade e de hostilidade entre pessoas, grupos e povos relatadas na Bíblia, constituem-se por isso em um fato social marcante, movido por uma determinada dinâmica cultural. Configurando-se como fenômeno social, cria condicionamentos dos quais Israel não se acha excluído, e fora dos quais nem a Bíblia poderia ser bem compreendida. No entanto, existe um permanente esforço nas tradições bíblicas, em se demarcar das práticas e tradições desses povos. Existe uma busca em Israel no sentido de se afirmar a consciência de sua identidade, a partir de um fato fundador: a “Eleição” (Bianchi, 1996, p. 13). A memória de seu chamado à existência através da Aliança firmada com os patriarcas Abraão, Isaac e Jacó; de sua libertação do Egito sob a liderança de Moisés, quando Deus ouviu os seus clamores, no momento em que ainda estava submetido à condição de escravo e estrangeiro; de sua travessia pelo deserto, sob o olhar permanente de Deus, educando-o para que pudesse entrar na “terra prometida”, dom de Deus — esta consciência constitui-se no diferencial crítico, que vai forjar a sua identidade como ‘povo eleito’. Esta consciência se faz patente no conjunto de Leis do Pentateuco, em que se deixa entrever a sua forma de conceber as práticas de hospitalidade.
Ano/Edição	Ano XX, nº 57, jan-abril/2007. São Paulo-SP

<b>Título</b>	<b>Acolhida ao estrangeiro no Novo Testamento</b>
Autor/es	<b>Rita Bonassi</b>
Resumo	Na história do judaísmo encontram-se múltiplas atitudes frente à questão dos gentios e de sua salvação. É verdade que alguns ambientes judaicos produziram intolerância e sectarismo com relação aos estrangeiros, contudo, não é correto falar de um cristianismo universalista saído de um judaísmo fechado. A tradição judaico-helenista chegou a colocar judeus e gentios no mesmo patamar, ambos empenhados em uma vontade comum de bem. Também a tradição apocalíptica considerou gentios e judeus atingidos pelo mal de igual forma e, portanto, necessitados de salvação. O rabinismo, que se desenvolve no 1º século ao lado do cristianismo, fala de uma aliança de Deus com os não hebreus e é neste contexto histórico que se coloca a figura e a ação de Jesus de Nazaré.
Ano/Edição	Ano XX, nº 57, jan-abril/2007. São Paulo-SP
<b>Título</b>	<b>Questões teológico-pastorais sobre a hospitalidade aos migrantes</b>
Autor/es	<b>Sidnei Marco Dornelas</b>
Resumo	Toda reflexão bíblica feita até aqui visa trazer à presença da sociedade e da Igreja critérios éticos e religiosos apoiados na autoridade da Palavra de Deus, a fim de iluminar o discernimento humano sobre as questões que desafiam o mundo atual. Nesse sentido, toda a reflexão sobre hospitalidade tem por objetivo recolocar os fundamentos éticos desta atitude humana, em sintonia com as indicações da Palavra de Deus. Com efeito, a questão da acolhida e da hospitalidade cresce em importância na medida em que a mobilidade dos povos, o cruzamento de diferentes deslocamentos de população, leva a moldar uma nova sociedade, diversificada socialmente e múltipla culturalmente, em que os velhos problemas somam-se aos novos, tornando mais complexas as novas situações de convivência entre os grupos sociais. Como re-propor a atitude da hospitalidade no interior da sociedade multicultural, em que a percepção do território, da estabilidade social, do cotidiano, das referências culturais e étnicas, mudam constantemente? Em que medida as leis podem e devem refundar a convivência social? Em que termos se deve colocar a hospitalidade, enquanto relação humana e contato pessoal, fundamento da atitude mais trivial e cotidiana em que se apoia a ação pastoral? O que se deve aceitar e o que se deve rejeitar nas relações com



Ano/Edição	aquele que é diferente de nós? A dialética entre hospitalidade e hostilidade deixa de ter lugar no atual paradigma civilizatório da globalização? É justificável uma acolhida completamente sem discriminações (ou seria antes uma temerária “acolhida indiscriminada”)? Ano XX, nº 57, jan-abril/2007. São Paulo-SP
<b>Título</b>	<b>Acogida y hospitalidade en la frontera – unas perspectivas desde las Casas del Migrante</b>
Autor/es	<b>Gioacchino Campese</b>
Resumo	Las migraciones masivas que caracterizan el mundo globalizado en el cual vivimos hacen posible como nunca en la historia de la humanidad el encuentro y el choque de personas y comunidades de diferentes nacionalidades, culturas, y religiones. Esta diversidad alimentada por las migraciones se puede mirar sobretodo en las grandes ciudades de nuestro planeta, pero se hace siempre más presente también en ciudades y pueblos más pequeños. La manera con la cual hay que enfrentar esta alteridad y esta diversidad, que no son conceptos abstractos, sino sobretodo personas de carne y huesos, representa uno de los desafíos más cruciales de nuestra época que quiere e debe aprender el camino hacia la convivencia y la armonía. En este contexto la acogida y la hospitalidad asumen una importancia y valor fundamental como lo demuestra también la atención que estas dimensiones de la vida humana han despertado en el campo de la pastoral, con la fundación y difusión de numerosos centros de acogida para inmigrantes y refugiados, y más recientemente en el campo de la reflexión filosófica y teológica. Es precisamente a partir de la experiencia humana y pastoral de un tipo de estos centros de acogida, es decir las Casas del Migrante de los Misioneros Scalabrinianos en Estados Unidos, México y Guatemala, que se quiere aquí presentar una contribución a la reflexión sobre la acogida y la hospitalidad. Este ensayo se divide en cuatro partes principales. En un primer momento se presentarán la historia y desarrollo de las Casas del Migrante subrayando la intuición fundamental que ha inspirado este ministerio específico. En la segunda sección se hablará de quienes son los huéspedes de estos centros, y los servicios que las Casas ofrecen. La tercera parte provee una reflexión sobre la acogida y la hospitalidad a partir desde esta experiencia de frontera. En la conclusión se reconocerá y contemplará el papel fundamental que los mismos inmigrantes tienen en la

<p>Ano/Edição</p>	<p>realización de estas dinámicas de acogida y hospitalidad. Antes de empezar este artículo es importante por este autor afirmar el hecho que sus reflexiones no son simplemente el resultado de lecturas y estudio, sino también y sobretodo de una rica y compleja experiencia de siete años de trabajo pastoral en la Casa del Migrante en Tijuana (México). Es principalmente por esa razón que este autor cree de poder hablar con suficiente credibilidad sobre los temas tan significativos que se van a tratar aquí.</p> <p>Ano XX, nº 57, jan-abril/2007. São Paulo-SP</p>
<p><b>Título</b> Autor/es Resumo</p>	<p><b>Acolhida ao migrante: um valor sagrado</b></p> <p><b>Analita Candaten</b></p> <p>Em toda migração existe a experiência de um êxodo. um desenraizamento e isso implica uma separação da terra natal, das raízes, da cultura, dos afetos familiares e dos amigos e o migrante sempre corre o risco de abrir uma ferida incurável, um exílio sem retorno. Muitos migrantes ao deixarem o seu país, ou o seu local de origem, enfrentam dias de viagens em condições subumanas em barcos, atravessando fronteiras, expondo-se a todo tipo de perigo e elevado é o número dos que sucumbem antes de chegar ao local de destino. Entre as inúmeras dificuldades que encontram, o impacto com a nova realidade provoca no migrante diversas formas de desadaptação. Psicologicamente, sofre a solidão, a insegurança, as incertezas quanto ao futuro, o medo que seu projeto migratório falhe. Sociologicamente, encontra dificuldade em integrar-se num ambiente novo, por motivos econômicos, culturais, associativos, logísticos e linguísticos. Moralmente, a dificuldade de adaptação nasce do ambiente estranho, no qual seus hábitos e regras de vida não são mais sustentados pelas relações familiares e amigas. No âmbito religioso, depara-se com uma maneira diferente de expressar a própria fé, com as preocupações cotidianas que não deixam espaço à dimensão transcendente da vida, bem como, com as dificuldades de encontrar uma comunidade capaz de sustentar a sua fé e a prática religiosa.</p> <p>Ano XX, nº 57, jan-abril/2007. São Paulo-SP</p>
<p><b>Título</b> Autor/es Resumo</p>	<p><b>Famílias de emigrantes no norte do Paraná – interrogações sobre uma possível “Pastoral dos ausentes”</b></p> <p><b>Sidnei Marco Dornelas</b></p> <p>A região norte do Paraná está marcada historicamente pela</p>

<p>Ano/Edição</p>	<p>migração. Se no espaço de pouco mais de trinta anos ela se povoou intensamente no ritmo da expansão do café, em menos de dez anos ela conheceu um movimento extraordinário de emigração, movido pela urbanização do país, pelo avanço da fronteira agrícola em direção à Amazônia e pela sua própria modernização agrícola e concentração fundiária, que veio esvaziando, desde então, o campo paranaense. Os efeitos para a população rural e urbana se fizeram sentir, principalmente, sobre os grupos mais vulneráveis, o chamado proletariado rural. Essa história de migração influenciou de diferentes maneiras a atuação da Igreja Católica nessa região. Atualmente, as tendências que levaram a esta crescente expulsão de população continuam a agir, atingindo até mesmo a classe média urbana, e criando, a partir da última década, um grande movimento de emigração para fora do país. Trata-se de um fato novo, que traz para dentro da Igreja e da Pastoral do Migrante uma diversificação de problemas e de pessoas a serem acompanhadas, levando inclusive a se perguntar: é possível uma pastoral dos ausentes?!</p> <p>Ano XXI, nº60, jan-abril/2008. São Paulo</p>
<p><b>Título</b> Autor/es Resumo Ano/Edição</p>	<p><b>Perdas e ausências... dores e algo mais</b></p> <hr/> <p><b>Dirceu Cutti</b> Editorial Ano XXI, nº60, jan-abril/2008. São Paulo</p>
<p><b>Título</b> Autor/es Resumo</p>	<p><b>Uma família boliviana vagando por São Paulo (Depoimento)</b></p> <hr/> <p><b>Por Sidnei Marco Dornelas; Mário Geremia</b> Nos dias de hoje, marcados pelo fortalecimento das fronteiras nacionais e das guerras contra substantivos (tipo “drogas” e “terrorismo”), em que populações e até religiões inteiras são tachadas de ameaçadoras e dignas de exclusão, ainda existe uma tendência de se pensar o Brasil como uma espécie de refúgio: talvez o último país que ainda aceita o imigrante de braços abertos. Até os membros dos movimentos negros e indígenas, sempre atentos aos preconceitos homogeneizantes forjados em nome do nacionalismo, afirmam que o Brasil ama o imigrante — tendo uma preferência por ele, talvez em detrimento de seus filhos nativos. Os que acham a política de imigração brasileira liberal demais podem ficar sossegados. Longe de ser o mais acolhedor de todos os países, o Brasil detém um estatuto de estrangeiros antiquado e vago — porém excepcionalmente flexível — que permite</p>

Ano/Edição	<p>aos imigrantes menos direitos do que os existentes nos Estados Unidos. Se for verdade que o país ainda não fechou suas fronteiras, é igualmente verdadeiro que, uma vez fncado em terras brasilis, o imigrante está à mercê de uma burocracia arbitrária e frequentemente corrupta. Ademais, ele se vê cercado de uma série de preconceitos, amplamente difundidos entre a população, cuja característica principal é a sua incontestabilidade. Finalmente, enquanto na Europa e nos Estados Unidos, o imigrante encontra movimentos nativos que o apoiam e que militam em favor de seus direitos, no Brasil, a sociedade civil praticamente o esquece, acreditando que migração para o Brasil é coisa do passado.</p> <p>Ano XXI, nº60, jan-abril/2008. São Paulo</p>
<b>Título</b>	<b>Um passado no presente (Relato)</b>
Autor/es	<b>Pe. Antonio Garcia Peres; Ir. Inês Facioli</b>
Resumo	Relato
Ano/Edição	Ano XXI, nº 61, maio-ago/2008. São Paulo
<b>Título</b>	<b>Para sair do confinamento: a experiência das visitas às oficinas de costura de imigrantes bolivianos no quadro do Projeto Somos Hermanos</b>
Autor/es	<b>Sidnei Marco Dornelas</b>
Resumo	<p>Neste artigo esboçamos um ensaio exploratório que busca resgatar a experiência vivida por agentes de pastoral e de saúde por ocasião da implementação do projeto Somos Hermanos <sup>1</sup>. Partindo da constatação das condições de vida insalubres e de trabalho degradantes dos imigrantes latino-americanos em algumas áreas centrais da cidade, da segregação em que eles se encontravam no interior do espaço urbano, bem conno os sinais de xenofobia e preconceito entre agentes de serviços públicos e da população local em relação a eles, o projeto visava uma sensibilização dos agentes públicos e sua aproximação da população imigrante, em sua maior parte em situação de clandestinidade. Entre tantas atividades promovidas, uma das iniciativas originais foi a formação de equipes mistas com os agentes do Programa de Saúde da Família, compostas por brasileiros e imigrantes, por agentes de saúde pública e membros da Pastoral, na prática das visitas às oficinas de costura dos imigrantes. Sem o objetivo de esgotar todos os aspectos envolvidos nessa iniciativa pastoral, a prática de visitas a esses espaços segregados por essas equipes, a experiência concretamente vivenciada por alguns agentes, é o que em parte visamos recuperar neste artigo.</p>
Ano/Edição	Ano XXII, nº 63, jan-abri/2009. São Paulo

<b>Título</b>	<b>Pastoral do Migrante – relações e mediações. Ana Cristina Arantes Nasser; Sidnei Marco Dornelas</b>
Autor/es	<b>Resenha por José Carlos Pereira</b>
Resumo	Resenha
Ano/Edição	Ano XXII, nº 65, set-dez/2009. São Paulo
<b>Título</b>	<b>Migrações, transformações sociais e reforma eclesial: Pastoral jesuítica e scalabriniana no Brasil</b>
Autor/es	<b>Maurizio Russo</b>
Resumo	Este artigo representa a primeira parte de uma pesquisa <i>in fieri</i> abrangendo, <i>grosso modo</i> , da Primeira República brasileira até a Primeira Guerra Mundial, durante os dois pontificados de Leão XIII e Pio X. O fim da escravidão, o início da imigração no fim do século XIX e a República trazem um profundo processo de reorganização e reestruturação da Igreja Católica brasileira, com a chegada de contingentes estrangeiros que transformam o panorama social, cultural e religioso e constituem uma nova realidade eclesial. A vinda de novas tradições religiosas dos imigrantes europeus traz novas exigências pastorais quanto à assistência religiosa e material, concentrando a atenção e o debate. Ocorre a organização das missões segundo um princípio linguístico, a evangelização nos idiomas originários dos imigrantes, com fortalecimento de identidades nacionais, costumes e tradições típicas dos lugares de origem. Jesuítas, Escalabrinianos e Capuchinos são os primeiros e mais ativos nesse tipo de missão.
Ano/Edição	Ano XXIV, nº 68, jan-jun/2011. São Paulo
<b>Título</b>	<b>Imigração haitiana em Manaus: presença da Pastoral</b>
Autor/es	<b>Pe. Gelmino Costa</b>
Resumo	A partir de 2010, a sociedade brasileira começou a ouvir: “Os haitianos estão aqui.” Nós, da Pastoral do Migrante, não ouvimos dizer, nós os acolhemos, apertamos a mão a todos no momento da chegada. Por isso, neste simples <i>comunicado/testemunho</i> , descreveremos, rapidamente, o processo de chegada dos imigrantes haitianos em Manaus, bem como a atitude de acolhida por parte da igreja católica e da sociedade civil.
Ano/Edição	Ano XXIV, nº 68, jan-jun/2011. São Paulo

<b>Título</b>	<b>Migrazioni: dizionario sócio-pastorale. Graziano Battistella (Curatore). Ed. San Paolo: Cinisello Balsamo (MI), 2010. (Resenha)</b>
Autor/es	<b>Por Paolo Parise</b>
Resumo	Resenha
Ano/Edição	Ano XXIV, nº 68, jan-jun/2011. São Paulo
<b>Título</b>	<b>A comunidade brasileira em Roma: trinta anos de serviço pastoral entra acolhida e integração</b>
Autor/es	<b>Francesca Vietti; Sérgio Durigon</b>
Resumo	Relato
Ano/Edição	Ano XXVI, nº 72, jan-jun/2013. São Paulo
<b>Título</b>	<b>A paróquia católica e a pastoral da mobilidade humana: a questão do território e a missão da Igreja junto aos migrantes</b>
Autor/es	<b>Sidnei Marco Dornelas</b>
Resumo	Tendo presente o esforço da Igreja Católica no continente latino-americano em renovar-se pastoralmente, este trabalho busca refletir sobre um aspecto fundamental em sua configuração missionária: o território da paróquia. Apresenta-se o modo como o território vem sendo concebido no horizonte desse processo de renovação da ação evangelizadora, trazendo à luz alguns pontos de sua problemática, tais como debatidos no campo da geografia e da sociologia. Com este referencial, colocam-se as questões atuais vividas concretamente neste processo de renovação da paróquia, tendo em vista uma ação mais “missionária”. No interior deste debate ganha destaque o lugar ocupado pelas pastorais da mobilidade humana, como instância de questionamentos, mas também como oportunidade real de experimentação missionária, sobretudo no espaço urbano.
Ano/Edição	Ano XXVI, nº 72, jan-jun/2013. São Paulo
<b>Título</b>	<b>Diaspora missiology: theory, methodology and practice. Enoch Wan. Portland (EUA), Institute of Diaspora Studies, 2011. (Resenha)</b>
Autor/es	<b>Por Sidnei Marco Dornelas</b>
Resumo	Resenha
Ano/Edição	Ano XXVI, nº 73, jul-dez/2013. São Paulo

<b>Título</b>	<b>Dom Tomás Balduino: uma travessia de sonhos, fé, lutas e esperanças</b>
Autor/es	<b>(Nota <i>in memoriam</i>)</b> <b>José Carlos Pereira</b>
Resumo	Nota
Ano/Edição	Ano XXVI, nº 73, jul-dez/2013. São Paulo

<b>Título</b>	<b>Acolhida a migrantes e refugiados: a ética da pastoral do migrante e desafios para a democracia no Brasil</b>
Autor/es	<b>Jose Carlos Pereira</b>
Resumo	O acolhimento à migrantes e refugiados é o tema que desenvolvo nesse artigo, a partir de um olhar sobre categorias sociológicas e jurídicas referentes às migrações. As formas de apropriação e uso dessas categorias podem facilitar ou bloquear o acolhimento aos migrantes oferecido pelo Estado através de um documento provisório. A concepção de acolhimento do Estado, baseada no caráter policial da segurança pública, é repensada em face às ações e concepções de acolhimento de instituições sociais como a Pastoral do Migrante. Esta procura fundamentar sua ação na ética cristã e nos direitos universais da pessoa humana. Concluo apontando desafios ao fortalecimento e ampliação da acolhida disponibilizada pela pastoral do migrante, e aponto para o protagonismo dos migrantes que, através de sua presença e organização social, influenciam a agenda de políticas migratórias no Brasil.
Ano/Edição	Ano XXIX, nº79, jul-dez/2016. São Paulo

<b>Título</b>	<b>Missão Paz e imigração haitiana na cidade de São Paulo: 2010-2015 (Entrevista)</b>
Autor/es	<b>Por Kassoum Diémé</b>
Resumo	Entrevista
Ano/Edição	Ano XXIX, nº79, jul-dez/2016. São Paulo

## **POLÍTICA**

<b>Título</b>	<b>Bolívia: crise e migração temporária.</b>
Autor/es	<b>Oficina de Assistência Social de la Igreja - OASI</b>
Resumo	Neste artigo é apresentado a grande crise entre governo e igreja, em 1987, que resultou no documento: “Um chamado pela esperança”, pela igreja”. O ano de 1987 entrou na história do povo da Bolívia caracterizado pelo enfrentamento entre